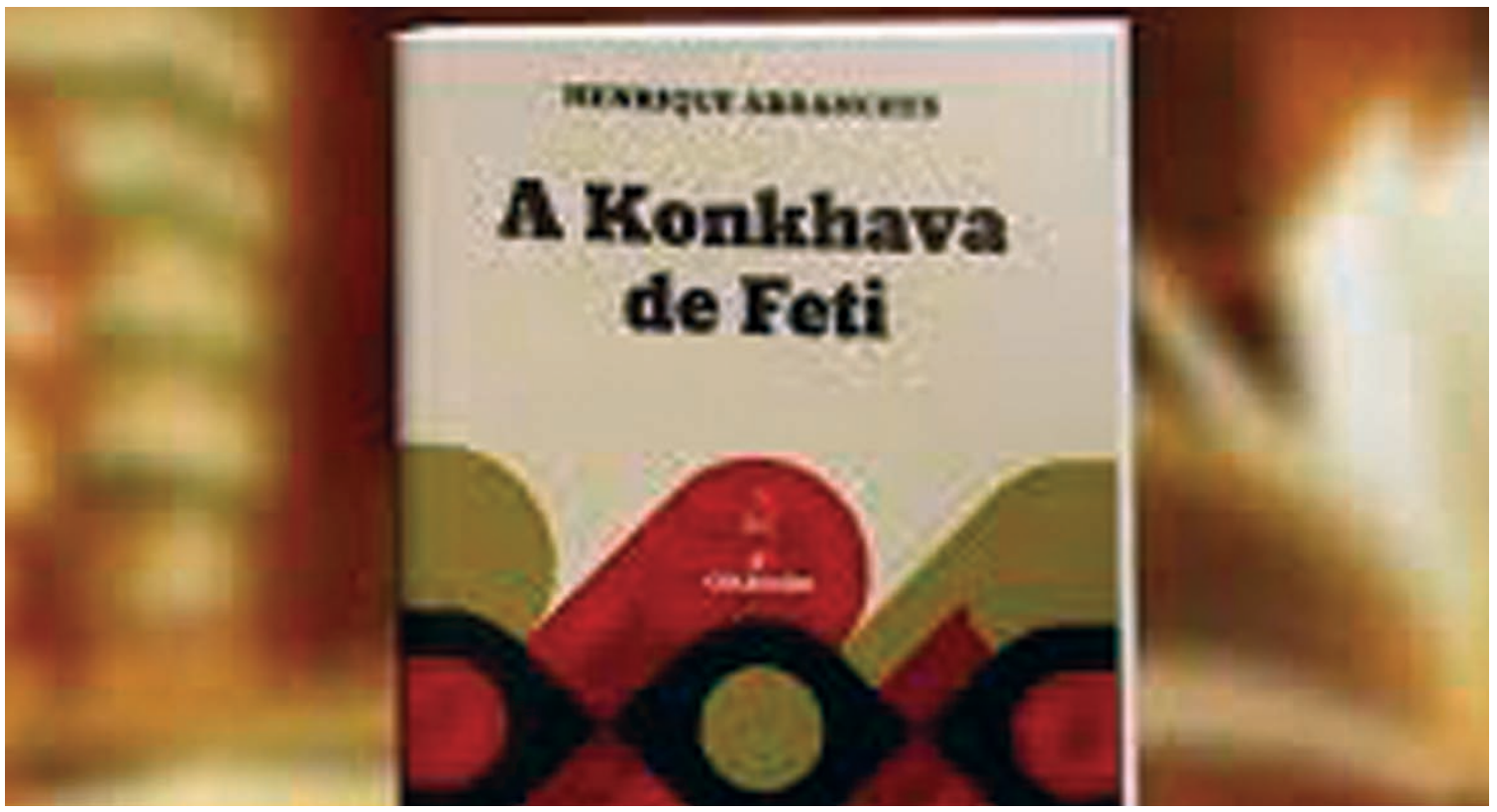
DR



HERÓIS DA MITOLOGIA ANGOLANA

Ficção literária e ateísmo

Quem lê as narrativas míticas das literaturas orais angolanas com preocupações diferentes daquelas que mobilizam antropólogos, psicólogos, sociólogos e teólogos das religiões, pode concluir que entre nós vai faltando uma compreensão dos conceitos de pessoa e de Deus, tal como se formula nas línguas nacionais

*Luís Kandjimbo |**

A razão disso reside no facto de o estudo das religiões angolanas, aparentemente, não se revelar útil ao conhecimento da comunidade histórica pela qual, presumivelmente, cultivamos um sentimento de pertença.

Que interesse tem a interpretação de narrativas míticas angolanas cujas personagens são crianças-prodígio iconoclastas? Por que razão se deve estudar os textos da literatura oral que advogam a ausência da crença em Deus ou deuses ou de descrença total em um Deus? Estas perguntas sugerem uma proposta de reflexão que deve cruzar a literatura e a filosofia, tematizando a religião, a teoria dos nomes próprios e das personagens ficcionais.

O título do presente texto faz alusão a quatro heróis iconoclastas cuja profissão e comportamento moral é semelhante aos protagonistas dos mitos de criação, personagens com nomes próprios que as associam à cosmogonia Bantu, sendo a profissão de caçador um dos mais significativos traços identitários.

As narrativas míticas das comunidades angolanas a que me refiro alimentam a imaginação literária há séculos. Na tradição de Ngalangi existe um mito de criação veiculado em língua Umbundu que situa o espaço originário das diferentes comunidades angolanas na região ribeirinha do médio Kunene. Nessa versão, o fundador da comunidade é um caçador, Feti, cujo antropónimo deriva do verbo "okufetika" que significa "fundar", "iniciar", "começar". Feti era um caçador que tinha um cão como seu único companheiro. Por isso, sentia o peso da solidão humana. Um dia, para espairecer decidiu ir à pesca. Dirigiu-se ao lago que se encontrava nas margens do rio Kunene. Ali teve a sorte de ver surgir das águas uma forma humana semelhante a si mesmo. Emergiam dos juncos três mulheres: Coya, Tembo e Cĩvĩ. Até à sua morte, elas seriam as suas esposas. O momento de constituição da família passou a ser recordado através da seguinte máxima proverbial: "Feti wa fetika, Coya woya po", ("Feti deu início, Coya completou com a perfeição"). Coya é a Terra-Mãe. Tembo viria a ser a mãe das comunidades Nyaneka-Humbi e de outras comunidades de pastores. Cĩvĩ é a mãe das comunidades de língua Umbundu.

Ngalangi foi o primeiro filho de Feti. Era caçador de elefantes e antílopes como o pai. O reino de Ngalangi viria a ser fundado por Ndumba Visoso, neto de Feti e filho do seu primogénito. Ngola Ciluanji foi o segundo filho de Feti que emigrou para a região do Wambu e depois fixou-se na região do Ndongo. Após a morte de Feti, as esposas contraíram segundas núpcias: Coya na região de Ndulu; Tembo na região do Humbi e Cilenge; e Cĩvĩ na região de Ngalangi.

Num outro mito de criação de Kalukembe refere-se que Suku, equivalente a Deus em português, criou os primeiros homens. Quatro deles foram gerados por uma rocha. À nascença encontraram-se com quatro kimbandas. O primeiro recebeu a arte de lançar má sorte; o segundo, a de adivinhar; o terceiro, de curar; o quarto, de caçador.

Um eventual trabalho exaustivo pode conduzir-nos à leitura de outros mitos de criação das literaturas orais angolanas em Cokwe, Kimbundu e Nyaneka-Humbi, por exemplo.

Na literatura angolana escrita em língua portuguesa, foi o escritor Henrique Abranches que, com o seu romance "A Konkhava de Feti", reelaborou o mito de Feti, no século XX.

Literatura oral e religião

O interesse dos mitos fundacionais reside no facto de permitirem compreender a concepção cosmogónica das comunidades humanas e a arquitopia religiosa subjacente ao sentido dos nomes próprios dos heróis da narrativa. A compreensão desse imaginário antigo abre portas ao conhecimento das religiões angolanas. A este propósito, na introdução ao livro "Folk-Tales of Angola. Fifty Tales, with Kimbundu Text, Literal English Translation, Introduction and Notes" ("Contos Populares de Angola. Cinquenta Contos em Kimbundu. Coligidos e Traduzidos em Inglês, com Introdução e Anotação"), publicado em 1894, o missionário suiço Héli Chatelain, um dos mais importantes investigadores da literatura oral Kimbundu, afirmava: "A sempre repetida asserção de que os Africanos são feitichistas, isto é, que adoram objectos inanimados, é completamente falsa, pois, se assim não fosse, todas as pessoas supersticiosas seriam feitichistas. Na generalidade, a religião seguida pelos Angolanos é igual à dos Bantus". Ora, se o sagrado e o religioso constituem fenómenos que conduzem os humanos a formas específicas de representação do mundo, verificaremos que o mito de criação de "Feti", o caçador, traduz uma forma de explicar a presença do homem e da mulher na cadeia das entidades existentes no universo. O homem e a mulher ocupam um lugar nessa cadeia hierárquica em cujo topo se encontram os antepassados, enquanto entes supremos, entre os quais Suku, Huku, Kalunga, Nzambi, equivalentes a Deus em português. Estes são os nomes do antepassado mais importante, situado no vértice da pirâmide dos espíritos benignos.

Concepção do antepassado supremo

Em Angola, Kalunga, Nzambi e Ndyambi, nomes próprios atribuídos ao antepassado supremo, são palavras que remetem para um substrato comum, tal como o comprova a lexicografia bantu. Nas respectivas línguas, o uso dessas unidades lexemáticas depende do tipo de discurso e género literário. Não deixa de ter razão o missionário espiritano suiço Carlos Estermann, quando considerava que, em Kuanyama, designando o mesmo referente, o termo Kalunga é usado em prosa e Pamba, em poesia. Já em Nyaneka-Humbi, Kalunga é usado em poesia e Huku ou Suku, em prosa. Por outro lado, Carlos Estermann, num artigo sobre as concepções religiosas entre os Bantu, publicado em 1942, admitia que "a verdadeira religião dos Bantu é o culto dos antepassados".

A leitura das narrativas mitológicas dos heróis "gerados por si mesmos" deixa perceber que o sentido dos nomes próprios das quatro personagens representam a negação de crença na omnisciência, omnipotência e omnipresença de Deus. Mas tal não significa recusa das crenças religiosas.

Heróis ou ateus?

A afronta a Kalunga, Suku, Nzambi, a errância e o combate levado a cabo contra os ogres, Makishi, os espíritos malignos, definem a personalidade desses heróis iconoclastas, nomeadamente, Kalitangi (Umbundu), Kimalawézu Kia Tumba-Ndala (Kimbundu), Nambalisita (Nyaneka-Humbi) e Ndalakalitanga (Cokwé). São personagens autoexistentes. Geram-se a si mesmos. Nascem já caçadores adultos, armados com os instrumentos do ofício. Atribuem-se a si mesmos os nomes próprios. Portanto, a sua interpretação requer profundos conhecimentos sobre a concepção Bantu da pessoa humana, além de uma competente teoria dos nomes próprios e das personagens ficcionais que seja culturalmente contextualizada, reconhecendo-se a sua dimensão cognitiva. Se a auto-inscrição das personagens referidas no mundo do sagrado revela alguma coisa, tal tem que ver com o vínculo entre o sentido do seu nome, o conteúdo intencional e a ordem cósmica que sustenta a comunidade a que pertencem.

A afirmação da auto-existência sugere um debate que desafia o argumento ontológico sobre a existência de Deus. Este argumento da auto-existência, em Nyaneka-Humbi e em Umbundu, é formulado nos seguintes termos: "Ndadia mo, ame Nambalisita, hisitilwe komunu, ame mwene ndelisita" ("Saí do ovo, não fui gerado por ninguém, a mim mesmo me gerei"); "Ame Kalitangi, nda litanga la Suku" ("Eu sou Kalitangi, aquele que se confunde com Deus").

Mapa dos textos mitológicos

O território dos textos mitológicos do herói "gerado por si mesmo" abrange uma vasta área que se estende entre a África Central e a África Austral. Passa pela zona habitada pelas comunidades Ovambo, pelo delta do Kavango e alcança o Botswana. É nos nomes próprios do herói que se registam algumas variações morfemáticas. Por exemplo: Nambaishita (Kuanyama), Mpambaicita (Ndonga), Sambilikita (Kwangali), Sambilia (Shambyu) Ciakova (Mbukushu). O seu significado traduz exactamente a ideia de ser auto-criado.

Após a leitura e interpretação das referidas narrativas, qualquer investigador ocidental pouco avisado, atrever-se-ia a considerar que as personagens designadas por esses nomes próprios são indivíduos ateus, de acordo com um princípio descritivista da filosofia ocidental, segundo o qual a um nome associa-se sempre uma descrição referencial.

Nas respectivas narrativas ficcionais, essas crianças-prodígio são pessoas que põem em causa os poderes de Suku, Kalunga e Nzambi. Os seus poderes são de igual modo equiparáveis aos de Kalunga. Não há na natureza qualquer força que lhes resista. As suas peripécias têm início quando as adversidades ameaçam a existência da sua família, seus pais, especialmente as mães. Enfrentam ogres e travam debates argumentativos com o seu principal oponente, Suku, Kalunga e Nzambi.

Portanto, estas crianças-prodígio não poderão ser a representação do vulgar ateu cristão, na medida em que o monoteísmo ocidental não é modelo para explicar e compreender os fenómenos religiosos angolanos por ausência de qualquer relação com as chamadas religiões reveladas. Na melhor das hipóteses, à luz de uma perspectiva comparada, admite-se que elas sejam consideradas uma representação literária de um ateísmo negativo. Para o tema da conversa proposta, por ateísmo negativo entende-se a aceitação de crenças religiosas, mas a negação da crença na omnisciência de Deus. Descortina-se aí um outro debate que não poderá depender da tematização já conhecida nas filosofias europeias, por exemplo. Por essa razão, os seus fundamentos deverão emanar das experiências e das culturas das várias comunidades angolanas.

Ensaísta e professor universitário. M.Phil. (Filosofia), Ph.D.

FESTA LITERÁRIA ONLINE

Templo D'Escritas junta escritores e intelectuais de língua portuguesa

A artesã Verónica Pedro vive um "novo normal". A pandemia da Covid-19 levou-a a buscar alternativas criativas para manter e expandir o seu negócio. Criou uma página no Instagram onde expõe e vende as suas criações. Até um certo montante de compras, ela faz a entrega ao domicílio do cliente. É um caso de resiliência e de adaptação às contingências impostas pelo novo coronavírus

DR

DR

Arrancou na última terça-feira a 1ª. Edição do Templo D'Escritas – Festa Literária Internacional da Língua Portuguesa, com um debate entre o poeta e crítico literário brasileiro Marco Luchessi, o poeta angolano David Capelenguela, a escritora caboverdiana Vera Duarte Pina, o escritor português Paulo José Miranda e o poeta moçambicano Nelson Lineu, sobre o tema "Literaturas de Língua(s) Portuguesa(s): deslocamentos e fronteiras", cuja moderação esteve a cargo do poeta angolano Abreu Paxe.

O Templo D'Escritas - 1ª Festa Literária Internacional da Língua Portuguesa, realizado online através da plataforma Streamyard, pode ser visto nas redes sociais (Facebook, Youtube e Instagram) da revista de poesia e arte contemporânea Mallarmargens. O objectivo principal do certame é dar seguimento aos debates "que já tinham como característica central desafiar olhares acomodados, privilegiando a diversidade, as especificidades e a pluralidade de saberes provenientes de um espaço usualmente tratado como periférico em vez de rico produtor de sentidos e significados".

Segundo a organização, o Templo D'Escritas é o desdobramento das múltiplas fronteiras e geografias literárias, com a pretensão de tornar-se um encontro multidisciplinar dedicado à partilha de sonhos, questionamentos, que permitam cruzar idiossincrasias, identidades, ligando trajectos culturais e históricos, trazendo também novas dinâmicas à comunidade das inúmeras expressões portuguesas em geral.

A iniciativa conta com a coordenação-geral do poeta e crítico literário angolano Abreu Paxe, coadjuvado pela brasileira Amanda Vital, poeta e editora-adjunta da Revista Mallarmargens. Fazem ainda parte da organização os poetas Amosse Mucavele (Moçambique) e Nuno Rau (Brasil), na qualidade de curadores. É intenção da organização envolver nos debates autores, leitores, editores, artistas, dirigentes políticos e estudiosos das literaturas de língua portuguesa, "cujas contribuições têm se mostrado decisivas para melhor compreensão do contexto das produções culturais da comunidade de língua portuguesa".

Marcarão presença na maratona de debates, entre outros, os escritores e intelectuais angolanos Ana Paula Tavares, Filipe Zau, Boaventura Cardoso, Lopito Feijóo, David Capelenguela e Adriano Mixinge; os moçambicanos Ungulani Ba Ka Khosa, Celso C. Cossa, Aurélio Furdela, Armando Artur, Francisco Noa, João Fenhane e Ana Mafalda Leite. A estes juntam-se os de Cabo Verde Manuel Brito Semedo, Hilário da Luz e Natacha Magalhães; do Brasil, Selma Caetano, Valéria Martins, Gisele Correia Ferreira, Ana Rita Santiago, Eliane Debus e Ricardo Riso. De Portugal Ana Maria Martinho, Luís Castro Mendes, Jorge Reis Sá, Marta Lança e Joana Bertholo. Da Guiné-Bissau Tony Tcheka e de São Tomé e Príncipe Wildiley Barroca.

Ao todo, os dois meses de programação (até Dezembro) envolverão mais de 100 participantes directos.

Os organizadores referem que decidiram realizar o certame online por ser "a forma possível de nos encontrarmos neste momento de uma conjuntura mundial tão singular. E também, por se tratar de um momento de tantas impossibilidades, mas que descortina para um novo modo de olhar o mundo e nossa forma de estarmos juntos, elegendo uma perspectiva que parte da interculturalidade".

Estão em pauta nesta edição do Templo D'Escritas discussões sobre a criação literária, o papel das instituições, o mercado editorial, a circulação das obras literárias e os lugares da memória, abrindo-se para os diálogos com outros discursos relativos à cultura, aos estudos literários e às políticas voltadas para as artes.

PALAVRAS, PALAVRAS...

Sobre o (des)amor ou talvez coisa nenhuma

Quantos desertos bastariam para este bicho homem sorver, pelo menos uma vez, a fragrância do amor?

Pedro Kamorroto

Dando voz às vozes da curiosidade que ainda fazem burburinhos, não tive outro jeito senão evadir-me do sacrossanto casulo para viver como a multidão vive, sob os desígnios do idílio amoroso, quando no coração de quem deliberadamente decidiu construir narrativas e outras efabulações romanescas, há somente restos mortais, fluídos corporais do prazer da carne.

No recanto do meu coração, fazem morada fragmentos de tudo um pouco, menos deste pharmakon - que muitos cinicamente chamam de amor.

Parece paradoxo, mas descobri-me mergulhado nos arcanos das conturbações engendradas pelo eros. A promíscua, a ocasional e a suada sexualidade do tempo não pode ser o paladino do amor.

É aqui onde os covardes encontram restos de consolo, armados em carapaus de corrida, ufanam-se das suas conquistas enfadonhas. Há muito mais se soçobrarmos nas profundidades deste rio Kwanza.

Teria o bicho homem poderes plenipotenciários de revogar a ordem natural das coisas?

Ninguém é obrigado a acreditar em nada, para tudo há um reverso, no momento que menos esperamos a certeza, esta fiel depositária, revelar-se-á um engodo.

Tudo é uma prisão, até o pequeno céu que buscas incessantemente. Somos todos presos e carcereiros de circunstância, como alguém um dia asseverou.

Há amores que matam, se não acreditas em mim, vá até à floresta do suicídio e verás tragédias não gregas a medrar cada vez mais, quais ovos de serpente.

Penso que o sentimento de orfandade não é só quando perdemos os nossos progenitores, categoricamente. Nos sentimos órfãos. Sentimos um buraco negro no trajecto sofrido da nossa (in)existência, quando só somos nós a soçobrar na imensidão do Kalunga amoroso.

Sabes que uma muralha medieval é intransponível? Perguntou para mim uma voz interior. Tentei responder, mas a voz disse-me em seguida, não te apresses em responder, a pressa pode soar quadrada ou cúbica, o tempo precisa(rá) de tempo para responder a todas as questões justapostas. Mas saibas que todas essas incorrespondências são barreiras, muralhas de castelos intransponíveis.

Entendo o teu posicionamento à Sartre, quando dizes que vives para concretização da grande necessidade que tens de ti mesmo, quando, sem evasivas, afirmas que és um Goebbels refinado, ministro da propaganda do regime ditatorial da auto-satisfação.

Meu amigo, interrompeu a voz interna, o amor, este viveiro, não se compadece com auto-realizações, com egos famélicos que buscam em lugares-comuns alimentos de que precisam, e por vezes, também de que não precisam.

O amor tem maior serventia quando sem dependência, sem apego nos doamos aos outros.

Não confundas servidão, estado de dependência total, de sujeição, e acções psicológicas para capitulação da outra parte, como amor.

"Eu te amo, sem você não vivo, és a primeira maravilha do mundo". Toda essa teia, todo esse emaranhado de palavras vãs, agridoces, com defeitos na forma e no conteúdo, sussurradas nos ouvidos dos "incautos", palavras que hipocritamente gostamos de ouvir, as mentiras que homens e mulheres contam, revelam uma dependência assaz atávica.

Amas o amor ou a sensação de autoridade, de controlo sobre o outro, qual é o burro de carga que cinicamente pretendes domar?

Qual é o histórico que trazes desses campos de concentração, minados, do amor? A propalar para todos os ventos santos, que fulanas, sicranas e beltranas foram bem comidas até te fartares?

Esse amor com sentido gastronómico e desportivo é de uma tragicomédia nunca antes vista.

Veterano com medalhas e troféus, se este é o teu histórico por percorreres caminhos carcomidos, por calcorreares para o mesmo lugar, então vou preferir ser um eterno diletante e exonerar-me de todas as funções de aprendiz de amor.

Não há bússolas, pontos cardeais que orientem o homem perdido no idílio amoroso, fechado em si, que carrega uma mala cheia de frustrações e de acções escusas.

Sobras inflamáveis de alcatrões emocionais, um incêndio de proporções amazónicas está à vista, mas no teatro as avenidas que se erguem têm fundações em palmas e gargalhadas sonoras...

DR

DR

DR

Buscar a saúde e a autoestima através dos exercícios físicos

Não era uma prática comum, mas hoje, fruto dos condicionamentos imposto pela pandemia da Covid-19, em que muitos trabalhadores e estudantes tiveram de adoptar um estilo de vida mais sedentário, está a ser corriqueiro ver muitos moradores da centralidade do Sequele dedicados a actividades físicas regulares

Alexa Sonh |

O facto de estar em casa sem quase nada para fazer, com mais tempo para dormir, relaxar, cozinhar e comer de forma mais descontrolada fez com que muitos que antes eram amigos da balança passassem a fugir dela, por causa do ganho de peso que foram tendo com o tempo, de forma quase exponencial. E, como o sobrepeso nunca vem sozinho, em muitas pessoas trouxe também, ou fez acentuar, os quadros de hipertensão, diabetes, dores de coluna e problemas cardíacos. Em muitos lares, tornou-se fraco o desempenho sexual de um ou de ambos os parceiros.

Daí ver-se todos os dias, de manhã cedo, pessoas em grande número, trajadas a seu jeito, com roupa apropriada para ginástica ou não, atrás de uma meta comum: perder peso ou simplesmente sair do sedentarismo. É o caso de Helga João, 34 anos, moradora do Sequele desde 2015. Ela contou à nossa reportagem que sempre teve problema de sobrepeso, mas antes ainda conseguia controlar, fruto da dinâmica do trabalho e das lidas de casa. De Março a Junho passou de 70 para 80 quilos, sendo que uma boa parte da gordura estava concentrada na barriga, E, por ser de estatura baixa (1,58 cm de altura), começou a sentir rapidamente os efeitos do peso a mais.

"A gota de água foi quando o meu marido, em pleno acto sexual, me disse que nos últimos tempos eu já não conseguia acompanhar o seu ritmo porque estava pesada, precisava emagrecer. Depois disso, ele já não me procurava mais, ou dormia cedo, antes de mim, ou mais tarde, quando eu já estivesse num sono profundo".

Helga disse que isso foi-lhe incomodando tanto que, sem qualquer orientação médica, decidiu fazer algumas reduções alimentares e caminhar todos os dias de manhã e à tarde durante uma hora em cada sessão.

"No princípio foi muito difícil devido ao frio das 5 horas, mas fui ganhando o gosto à medida que a minha boa disposição voltava devido aos treinos. Estou a perder peso. Em apenas um mês perdi seis quilos, as dores e o cansaço que sentia no corpo estão a desaparecer aos poucos e a minha autoestima está a voltar, assentou mesmo".

A Alves Gomes, 56 anos, foi diagnosticada hipertensão arterial e diabetes. Além da medicação e de algumas restrições alimentares, o médico prescreveu-lhe caminhadas diárias, pelo menos durante uma hora.

"A minha tensão arterial já chegava aos 200 e, devido ao stress do dia-a-dia, as coisas só pioravam. Mas desde que estou confinado em casa e a fazer exercícios todos os dias, os níveis tensionais tendem a baixar. Na última consulta que fiz para controlar a diabetes o médico ficou feliz com o resultado, que também melhorou muito".

"Em pleno acto sexual, o meu marido disse-me que eu já não conseguia acompanhar o seu ritmo, porque estava pesada. Depois ele já não me procurava, dormia cedo, antes de mim, ou mais tarde, quando eu já estivesse no sono"

Ainda segundo Alves Gomes, os exercícios além de o ajudarem no controlo das doenças crónicas, aliviam-lhe o stress, proporcionando-lhe uma sensação de bem-estar, nessa época em que a maior parte das pessoas está tensa devido ao aumento de casos da Covid-19.

Se para uns os exercícios físicos servem para perder peso e controlar as doenças crónicas, para outros servem para ganhar peso e aumentar a massa muscular. É o caso de Berner Diogo, estudante universitário de 23 anos.

DR

Berner tem 1,75 cm de altura mas pesava 57 quilos. Com a ajuda de um nutricionista e de um personal trainer, de Abril a Março aumentou 13 quilos, porque além de fazer exercícios para o aumento da massa muscular, também adoptou uma alimentação reforçada, principalmente com carboidratos e em intervalos muito curtos.

"A minha meta é chegar aos 80 quilos. Com exercícios e muito descanso chegarei lá. Consigo notar a diferença porque as pessoas dizem que estou com um aspecto mais saudável, o que melhorou muito a minha autoestima", disse.

A visão do profissional

O personal trainer Euclides Barros explicou à nossa reportagem que os exercícios físicos, em qualquer etapa da vida, ajudam a aliviar o stress, previnem a obesidade, a hipertensão arterial, a diabetes (uma vez que a actividade física ajuda a regular os níveis de glicemia), evita a celulite, a osteoporose e, acima de tudo, melhora o sistema de ventilação pulmonar, "o que é muito importante nessa época da pandemia da Covid-19".

"Com acompanhamento médico ou não, todas as pessoas devem, ao menos, caminhar durante 45 minutos, três a quatro vezes na semana. Garanto que irão se sentir muito mais rejuvenescidas, tanto por dentro como por fora", explicou o profissional.

Segundo Euclides Barros, pessoas obesas com problemas cardíacos e sedentárias (que não praticam nenhuma actividade física) estão mais propensas a contrair doenças, com consequências graves.

"Daí que recomendo a estas pessoas e à população em geral, a começarem, desde já, a adotar hábitos saudáveis, que as ajudem no fortalecimento do sistema imunológico, principalmente. E os exercícios físicos de forma regular além de proporcionarem boa saúde física, também causam equilíbrio na saúde mental e isso ajuda na liberação das endorfinas, substância responsável pela sensação de bem-estar, contribuindo assim para o aumento da autoestima do ser humano".

Que treinos fazer?

De acordo com Euclides Barros, nem todas as pessoas devem fazer todo tipo de treino. "É aí onde entram os profissionais de saúde para orientar cada indivíduo, de acordo com a sua necessidade e constituição física, porque a forma como se deve exercitar uma criança não é a mesma para um jovem, idoso ou pessoas com alguma deficiência física. Tudo obedece a regras para se evitarem as lesões".

Ainda segundo Euclides Barros, os principiantes, como rotina, para movimentar o corpo "podem realizar caminhadas, corridas leves e exercícios aeróbicos que vão ajudar muito a melhorar o condicionamento físico de cada um".

A nutricionista Sónia António explicou ao *Jornal de Angola* que a prática de exercícios físicos tanto para perder peso como para ganhar peso ou simplesmente sentir-se bem "é fundamental, mas é importante ter em atenção o que se come. Segundo a velha máxima, 'O ser humano é o que come". Logo, o sucesso da nossa saúde, principalmente nessa época da Covid-19, está intrinsecamente ligado a tudo aquilo que ingerimos".

De acordo com Sónia António, quem quer perder peso, além de fazer exercícios deve consumir alimentos mais leves e mais nutritivos, como sopas de legumes, de abóbora, batidos e sumos detox (sumos naturais para emagrecer). As carnes e o peixe devem ser consumidos grelhados ou cozidos e não fritos. E algumas vezes, aconselha a nutricionista, pode-se fazer jejuns intermitentes, sem comer alimentos sólidos, consumindo apenas água.

Já para quem quer ganhar peso o processo é inverso. "A pessoa precisa utilizar alimentos que contêm carboidratos, vitaminas, fibras, proteínas, gordura vegetal, magnésio e cálcio. E deve comer quatro a seis vezes por dia, dependendo da necessidade do corpo e da energia absorvida durante os treinos".

MARIA SOLO, ESTUDANTE ANGOLANA NA INGLATERRA

DR

Jovem fala da sua experiência enquanto bolseira Chevening

Decorre, até 3 de Novembro próximo, mais uma campanha de recrutamento de jovens angolanos para estudarem na Inglaterra, no quadro das mundialmente conhecidas Bolsas Chevening, disponibilizadas pelo Governo britânico para capacitar líderes de todo o mundo. O Jornal de Angola ouviu Maria Solo, estudante angolana a beneficiar, há um ano, de uma Bolsa Chevening na Universidade de Manchester, onde está a fazer o mestrado em Projecto Urbano e Planeamento Internacional. Ela fala da sua experiência enquanto bolseira Chevening

André Sibi

Pode explicar o que é uma bolsa Chevening?
Chevening é o programa de bolsas de estudo internacional do Governo britânico, fundado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, que capacita futuros líderes de todo o mundo, há mais de 37 anos, através da oportunidade de estudarem no Reino Unido e adquirir novas competências, habilidades e atitudes. Hoje, a comunidade Chevening conta com mais de 50.000 personalidades, dentre as quais 100 angolanos.

> *Um dos primeiros impactos que tive ao chegar foi em relação à universidade: com mais de 40.000 estudantes anualmente, 270 hectares e 254 edifícios, lembro que me perdia constantemente nos primeiros dias.*

Conseguiu a bolsa de estudos logo na primeira tentativa?
A minha jornada Chevening começou em Outubro de 2017, quando, sentada, num dos anfiteatros da Universidade Metodista de Angola, ouvia uma palestra promovida pela Embaixada Britânica em Luanda sobre o programa de bolsas Chevening. Fui ousada e candidatei-me duas vezes. Infelizmente, na primeira tentativa tive que abrir mão da bolsa porque não tinha o nível de inglês requerido. Felizmente, na segunda tentativa e após quatro testes de língua inglesa TOEFL (teste de inglês para estrangeiros), finalmente recebi uma vaga para fazer o mestrado na minha área de especialidade, na Universidade de Manchester. Graças ao programa de bolsas Chevening lá fui eu em Setembro de 2019, de malas prontas, com uma bolsa de mestrado, paga na totalidade, atrás do meu sonho de estudar em Inglaterra.

Há quanto tempo está na Inglaterra?
Estou na Inglaterra há 11 meses, desde o dia 17 de Setembro de 2019.

Como foram os primeiros dias?
Os primeiros dias foram bastante corridos e de grande expectativa. Era a primeira vez que eu viajava para Inglaterra e cheguei na primeira semana de aulas. Nos primeiros dias, a maior preocupação era resolver a questão do registo académico, que permite aceder ao conteúdo programático do curso, aos recursos e suporte da universidade, bem como aos descontos estudantis para transporte, acomodação e outros serviços. Um dos primeiros impactos que tive ao chegar foi em relação à universidade: com mais de 40.000 estudantes anualmente, 270 hectares e 254 edifícios, lembro que me perdia constantemente nos primeiros dias, antes de localizar os diferentes lugares onde ocorriam as aulas, palestras, seminários e outras actividades académicas. Era engraçado. Outra questão foi em relação ao clima: era Outono e as temperaturas já começavam a reduzir. Da mesma forma que fazia sol, também chovia repentinamente, logo percebi que o guarda-chuvas seria o meu melhor amigo.

Em quanto tempo se aperfeiçoou no inglês?
Durante o processo de candidatura precisei de um ano para me aperfeiçoar. Na primeira vez que me candidatei tive que abrir mão da bolsa porque na altura não tinha o nível requerido pela universidade e somente após quatro testes TOEFL consegui o resultado necessário para obter uma oferta incondicional por parte da universidade. Quando cheguei a Manchester, lembro-me que precisei de três meses para me adequar aos termos técnicos do curso e ao sotaque "macunian", que é o característico da região de Manchester e Noroeste da Inglaterra.

O que a bolsa garante ao estudante?
A bolsa Chevening garante o seguinte: pagamento das propinas do mestrado; bilhete de passagem de ida e volta; subsídio de chegada e de partida; custo do processo do visto com seguro de saúde pago e registo no sistema nacional de saúde (NHS); ajuda de custo para viagens relacionadas com

actividades da bolsa; subsídio de subsistência (mensalmente, durante o período de duração do mestrado – um ano).
Para além disso, a Chevening garante um conjunto de actividades de apoio aos bolseiros como a Chevening Orientation – uma cerimónia para orientação e networking entre os bolseiros. O Chevening Farewell – uma cerimónia de despedida, networking e reflexão em relação a jornada Chevening e os desafios futuros, ambas em Londres. Adicionalmente, a Chevening também promove actividades que permitem o desenvolvimento académico, profissional e pessoal como é o caso do Chevening Relay, que permite a passagem do bastão Chevening por várias cidades da Inglaterra e o registo em fotos ou a Conferência Chevening onde cada bolseiro tem a oportunidade de apresentar os seus trabalhos de pesquisa.

DR

Foi fácil adaptar-se à alimentação?
Sim. Cidades como Manchester possuem um elevado número de estudantes internacionais, dentre eles africanos. Por isso, para além dos supermercados comuns também existem supermercados especializados em comida de origem africana e caribenha. Por exemplo, o dendém aqui é vendido já pisado, enlatado e pronto para confecção. Também nestas lojas é possível encontrar fúmbua, saca-folha para kizaca e fuba de milho ou de bombó.

Qual é a sua opinião sobre o sistema de ensino da Inglaterra?
Muito bom. Uma das maiores vantagens do sistema de ensino da Inglaterra é o acesso que o estudante tem a renomados jornais científicos e bases de dados de pesquisa em todas as áreas do saber, independentemente da área de mestrado. Outro ponto tem a ver com a quantidade e qualidade das bibliotecas e laboratórios bem como as tecnologias e facilidades nelas oferecidas. Só a universidade de Manchester em si tem 12 edifícios de bibliotecas, uma delas com funcionamento 24/24 horas. Outra questão é a constante interacção com instituições públicas e privadas, seja por meio de palestras, seminários, voluntariado ou suporte para o primeiro emprego.

Quem escolhe o curso? A instituição ou o aluno?
Uma das etapas do processo de candidatura às bolsas Chevening inclui o processo de candidatura às universidades que é feito pelo próprio estudante. O candidato tem duas opções de candidatura: escolher uma universidade e se candidatar em três cursos diferentes ou escolher três universidades diferentes e se candidatar para o mesmo curso em cada uma delas.

Que importância tem o curso que está a frequentar?

Cidades como Manchester possuem um elevado número de estudantes internacionais, dentre eles africanos. Por isso, para além dos supermercados comuns também existem supermercados especializados em comida de origem africana e caribenha.

O programa de mestrado na área de Projecto Urbano e Planeamento Internacional da Universidade de Manchester tem duas grandes vertentes: aspectos ligados à morfologia urbana, que diz respeito ao processo de formação e transformação da configuração física das cidades enquanto sistema complexo e a vertente do ordenamento do território e urbanismo, que diz respeito à criação de políticas de distribuição e uso do espaço urbano e rural, em diferentes escalas – nacional, regional e local. O curso é de extrema importância por várias razões.
Angola possui uma das maiores taxas de urbanização do continente, hoje 65,5 por cento dos angolanos vivem em cidades e apenas 42,1 por cento da população vive em cidades com plano de desenvolvimento urbano. O plano de desenvolvimento nacional 2018-2022 como parte da implementação das estratégias de longo prazo de Angola 2025 – cuja actualização para 2050 foi recentemente anunciada – prevê, no seu quinto eixo, a aplicação de políticas de desenvolvimento territorial, ordenamento do território e urbanismo.

Como estão a lidar com a pandemia da Covid-19?
Em Janeiro de 2020, foram anunciados os primeiros casos da Covid-19 no Reino Unido e, com mais de 297.000 casos confirmados, passamos para o regime de confinamento em Março. O ensino passou a ser remoto e eu vi uma cidade cheia de vida e outrora movida por estudantes a ficar completamente deserta. O futuro apresentava-se bastante incerto. Porém, com o apoio da família, amigos, universidade, Embaixada britânica em Luanda e da comunidade Chevening, tive a esperança necessária para ultrapassar esta fase complicada.

É uma certeza que a sua rede de contactos na comunidade angolana e de outras nacionalidades aumentou?
Ser bolseira Chevening tem me permitido conectar com académicos e profissionais de várias áreas, conhecer outras cidades do Reino Unido como Londres, Liverpool, Edimburgo e Glasgow. Tem me tornado resiliente o suficiente para viver sozinha e longe da família, bem como superar todas as adversidades que se impuseram em tempos de pandemia e ainda assim representar Angola. Por isso faço questão de que mais angolanos tirem proveito desta oportunidade e se candidatem. Em 2020, as candidaturas estão abertas de 3 de Setembro a 3 de Novembro. Pessoalmente, farei questão de empregar os conhecimentos que adquirir no desenvolvimento e prosperidade do meu país, porque esta é sem dúvida uma experiência de vida muito enriquecedora que levarei comigo para sempre.

A comunidade de estudantes Angolanos é enorme?
Desde 1983, ano de fundação da Chevening, mais de 100 angolanos se beneficiaram do programa de bolsas de mestrado. No que diz respeito à comunidade de estudantes angolanos no Reino Unido em geral, apesar de não existirem dados oficiais, acredita-se ser uma grande comunidade, especialmente na cidade de Londres. Grande parte destes estudantes têm os seus estudos financiados através de outros programas de bolsas ou com custo próprio.

Na Inglaterra há racismo?
O racismo é um mal que existe em toda a parte do mundo, fruto disto são as manifestações que ocorreram em vários países durante o mês de Junho do presente ano. No caso da Inglaterra e em especial em cidades universitárias, onde existe grande diversidade cultural, quer por parte dos professores e estudantes quer dos trabalhadores, e tendo em conta a constante aplicação de políticas de suporte aos estudantes internacionais por parte dos serviços académicos, associação de estudantes, autoridades locais e ONG's, em caso de ocorrência de um episódio de racismo, o estudante tem como ver os seus direitos ressalvados.

Há muitos angolanos que já terminaram a formação e que não querem regressar ao país?
De modo geral, todo o estudante angolano que deixa o seu país para estudar fora o faz no intuito de poder regressar e aplicar as competências que desenvolveu durante a formação. Realmente, existem angolanos que, dependentemente das oportunidades e possibilidades, decidem permanecer na Inglaterra, porém, acredita-se que muitos regressam para Angola, visto que a maior parte tem os seus estudos financiados por programas de bolsa, que, normalmente, apresentam como uma das cláusulas dos seus termos e condições a garantia de que o estudante retornará ao país de origem, após completar a sua formação. No caso do programa de bolsas Chevening é esperado que o estudante regresse ao país e permaneça em residência por um período mínimo de dois anos, para garantir que o país se beneficie das competências que o estudante adquiriu ao longo da formação.

Por que razão muitos preferem ficar na Inglaterra, depois de terminarem a formação?
Na verdade, nem sempre é uma questão de preferência. Acontece que muitos dos estudantes angolanos em bolsas de estudo ou que vão por financiamento próprio, não possuem, em alguns casos, prévia experiência de trabalho e quando chegam às universidades britânicas encontram todo um ambiente de suporte para encontrar o primeiro emprego após a formação. A falta de garantia de que após regressar ao país o estudante terá acesso ao mercado de emprego na sua área de formação e tendo em conta o conhecimento geral de angolanos que, por razões de vária ordem, não tiveram esta oportunidade, faz com que muitos quadros busquem soluções alternativas.

Há um ano na Inglaterra, já viu alguém da família real, nomeadamente a Rainha?
O mais próximo que consegui chegar da família real foi provavelmente no ano passado, quando me dirigia para a cerimónia de orientação da Chevening na London Excel e passei pela London Euston, estação de comboio que está a 26 minutos de autocarro do Palácio de Buckingham – uma das residências oficiais de Sua Majestade a Rainha Elisabeth II e actual sede administrativa da monarquia, que normalmente abre as portas para o público durante o verão – e a 40 minutos de autocarro do Palácio de Kesington, residência de Londres do Duque e da Duquesa de Cambridge.

De que forma se faz a inserção do estudante no mercado de trabalho, depois da formação?
As universidades britânicas, em geral, por norma possuem serviços de carreira e empregabilidade que orientam o estudante em relação à área de actuação, como fazer um bom currículo, oferecem oportunidade de palestras com potenciais recrutadores, oportunidades de estágio, feiras de emprego e outras actividades de suporte. A título de exemplo, em 2019, o serviço de carreira e de empregabilidade da Universidade de Manchester foi nomeado o melhor do Reino Unido pelos empregadores, de acordo com o The Times e o Sunday Times.

ORQUESTRA CAMERATA

Ousadia no Show do Mês Live

Proposta ousada no Show do Mês Live foi a presença da Orquestra Camerata de Luanda (8 de Agosto), disponível no Youtube e que voltou a passar na TPA 2 e TPA Internacional há uma semana. A ousadia resultou na adição à música de câmara, também tratada como clássica, dos sucessos da música popular urbana angolana e dos temas internacionais que fazem parte do imaginário nacional. O concerto foi marcado pelo coro "Onde há Covid, eu não posso ficar lá"

DR

Analtino Santos

O jovem maestro Félix Costa e os seus 19 instrumentistas repartidos entre os violinos, violoncelos, contrabaixos e clarinete, entraram interpretando uma das maiores referências da música clássica, Mozart em "Eine Kleine Nachtmusic", composição de 1787, a que se seguiu "La Paloma", da dupla Sebastien Iradier e Salavier, obra de 1863. Após as músicas de câmara, os executantes fizeram um "Intermezzo", ou seja, um interlúdio, marcado pelo improviso e sinalizando que a música nacional seria determinante.

Uma volta ao repertório do Rei da Pop, Michael Jackson, também testou a ousadia dos jovens da Orquestra Camerata, concretamente em "Billy Jean", com as sinfonias e andamento do jovem maestro.

A conversa girou em torno da pertinência da simbiose entre música erudita ou clássica e a música popular. A questão da marcação e pauta da música popular angolana e um paralelo com outras realidades musicais foram temáticas igualmente chamadas à conversa.

Os jovens com formação clássica e a produtora Nova Energia reservaram um repertório revestido com sucessos de artistas como Jacinto Tchipa, Minguito, Sabino Henda, Waldemar Bastos, Teta Lando e Bessa Teixeira. Foram dados novos arranjos a temas conhecidos destes cantores, nomeadamente "Cartinha da Saudade", "Pensando Conforme o Tempo", "Embrião", "Teresa Ana", "Ntoyo" e "Sulula". Com a presença dos violinos e dos violoncelos ficou provado que é possível levar à chamada "música erudita" o saber e conhecimento do cancioneiro popular.

A cantora lírica Marília Alberto brindou os telespectadores, internautas e ouvintes com "Monami" de Lourdes Van-Dúnem. Bruno Neto, tenor e membro dos Lirikhus, formação que tem levado a música popular para a vertente clássica, reinventou "Avó Beia" de Pedrito. Já Carla Moreno foi à sua terra-mãe, Cabo Verde, e soltou a morna "Mi Crea Ser Poeta", de Paulino Vieira, ao longo do tempo refeita por Ildo Lobo e outras vozes. Didi da Mãe Preta trouxe a vitalidade dos grandes senhores da nossa música. "Ngongo", tema marcante dos Jovens do Prenda, ficou muito mais clássico com o acompanhamento da Orquestra Camerata de Luanda.

Didi da Mãe Preta, que se estreou em palco com uma orquestra nos seus mais de meio século de carreira, reforçou os marimbeiros do Kilandukilu em "Kiximbula", num dos momentos mais ousados do concerto. A presença da ala percussiva com alguns elementos do Nguami Maka, que ficou baptizada como "Kufikissa", reforçou o espírito e a vontade da coabitação das várias tendências rítmicas e o aprendizado mútuo. Mais uma vez os instrumentistas não decepcionaram. Mário Gomes dedilhou "Mona Ki Ngi Xiça" de Bonga e, em "Semba Henda" de Marito, com os tambores, o mukindu, a dikanza e a puita dos "Kufikissa" em grande, fez um diálogo com Benildo dos Putos, no violino.

Em "Camacove" Paulo Quinjica fez a introdução com o seu violino. Um outro integrante, Luís Vasco, com o seu clarinete, destacou-se em "La Filó" dos Malavoi da Martinica. Alexandre, nos tambores, mostrou progressos em "Teresa Ana"; Yark Spin executou "Dembita" de Mário Rui Silva, um dos pioneiros a pautar a música angolana, e o agora Dr. Teddy Nsingui, como é habitual, brilhou com "Ao Pôr-do-sol" de Zé Keno. A parte final foi feita ao ritmo de carnaval e de canções que marcam o Marçal, como "Uanga Ué", "Nguitabule", "Camacove" e "Jingonça". A batida das turmas da génese do Semba harmonizou-se com a música de câmara, para satisfação dos telespectadores, internautas das páginas do Show do Mês e dos parceiros Angola Telecom e BAI, bem como dos ouvintes da Rádio FM Stereo.

Exemplos globais

Desse tipo de experiência, que para muitos angolanos é de "tamanha ousadia", o mundo está cheio de exemplos. Anjelique Kidjo tem um trabalho com a Orquestra Philarmonica de Luxemburgo, Pierre Akandengue em "Lambarena" homenageia um médico alemão cruzando a música tradicional gabonesa com as sinfonias de Beethoven; o congolês Ray Lema é um dos pioneiros na experimentação dos ritmos africanos com as orquestras do Leste europeu; os rappers Wycleaf Jean e Jay-Z levaram ao ar as suas rimas sob a batuta de uma orquestra e, ainda na nossa praça, Waldemar Bastos gravou com a Orquestra Sinfónica de Londres e com a Orquestra Gulbenkian; em tempos mais recuados Mário Gama e Ruy Mingas passaram pelo crivo de maestros. Mas o exemplo cimeiro de "casamento" entre o clássico e a "pop" no domínio musical é Pavarotti, o soprano que com as suas parcerias com os grandes ícones "pop" e os grandes concertos em estádios contribuiu tanto para a "massificação" da música erudita como para a quebra de preconceitos relativamente à música dita popular.

Estes factos reforçam e devem encorajar os jovens da Orquestra Camerata e de outras orquestras nacionais a optarem pela mesma via, absorvendo os vários sucessos e ritmos da música nacional.

DR

Formação jovem e ambiciosa

DR

A Orquestra Camerata de Luanda é uma iniciativa de jovens músicos liderados pelo maestro angolano Félix da Costa. Foi criada no bairro Rocha Pinto aos 2 de Novembro de 2017. A maioria dos executantes foi formada na Orquestra Kapossoka, dirigida por Pedro Fançony. Vocacionada à música clássica, a formação musical tem um vasco repertório, com diversificados estilos artísticos, com destaque para a releitura de clássicos nacionais.

Os jovens, universitários com idades compreendidas entre os 19 e 25 anos, a nível profissional realizaram estágios na Argentina, Espanha, Itália, Japão, Venezuela e Zâmbia. O seu primeiro grande concerto foi realizado no Memorial Dr. António Agostinho Neto, no dia 29 de Novembro de 2018. O evento surpreendeu a direcção do MAAN, que não hesitou em convidá-los para uma segunda passagem, passado quase um ano. Os membros da orquestra recordam a enchente de público, com os ingressos esgotados e muitos amigos e admiradores fora da sala, na noite de 12 de Dezembro de 2019. O lado positivo foi a repercursão na comunicação social e a abertura a convites para eventos privados e corporativos. Félix Costa e companheiros reconhecem que a passagem pelo Show do Mês abriu outras perspectivas e apresentou a Orquestra Camerata para o mais vasto público.

Mas a Orquestra Camerata de Luanda clama por apoios para prosseguir o seu percurso. A falta de um espaço próprio para a sede e a realização de ensaios, assim como para a formação artística de crianças e jovens interessados nos diversos estilos musicais e a carência de instrumentos, são alguns dos problemas. Conscientes que a actual situação económica do mundo e do país afasta alguns apoios, eles têm fé que podem contribuir no fomento do turismo e na angariação de fundos por meio da realização de concertos. A vertente social marca também a Orquestra Camerata de Luanda, que aposta no ensino da música e na mudança de vida de crianças e jovens, minimizando assim a delinquência. Alguns membros do projecto conseguiram bolsas e outros aguardam por uma oportunidade para uma formação nas principais escolas mundiais de música.

TOP DOS MAIS QUERIDOS

RNA um dos pilares da música angolana

A ausência dos aplausos calorosos do público que anualmente prestigia a festa do Top dos Mais Queridos, promovido pela Rádio Nacional de Angola, não beliscou a realização do evento este ano. O espectáculo ocorreu na noite de sexta-feira (02/10), no Centro de Produção da TPA, no Camama. Sem a tradicional gala de eleição do artista ou banda favoritos do público, devido à pandemia da Covid-19, o concurso destacou os grandes momentos da "nação musical", distinguindo os diferentes géneros e ícones da música em 45 anos de Independência Nacional

Manuel Albano

O espectáculo foi transmitido nas emissoras do grupo RNA, na TPA 1, TPA Internacional e no site Platinaline. A edição deste ano do concurso denominou-se "Top dos Mais Queridos BFA-2020" e realizou-se sob o lema "O contributo da RNA para a produção, promoção e divulgação da música angolana ao longo de várias décadas". Com o suporte musical da Banda Movimento, o certame privilegiou a participação de vários artistas convidados, que interpretaram temas próprios ou de outros autores que marcaram a memorável trajectória da cultura angolana através da música.

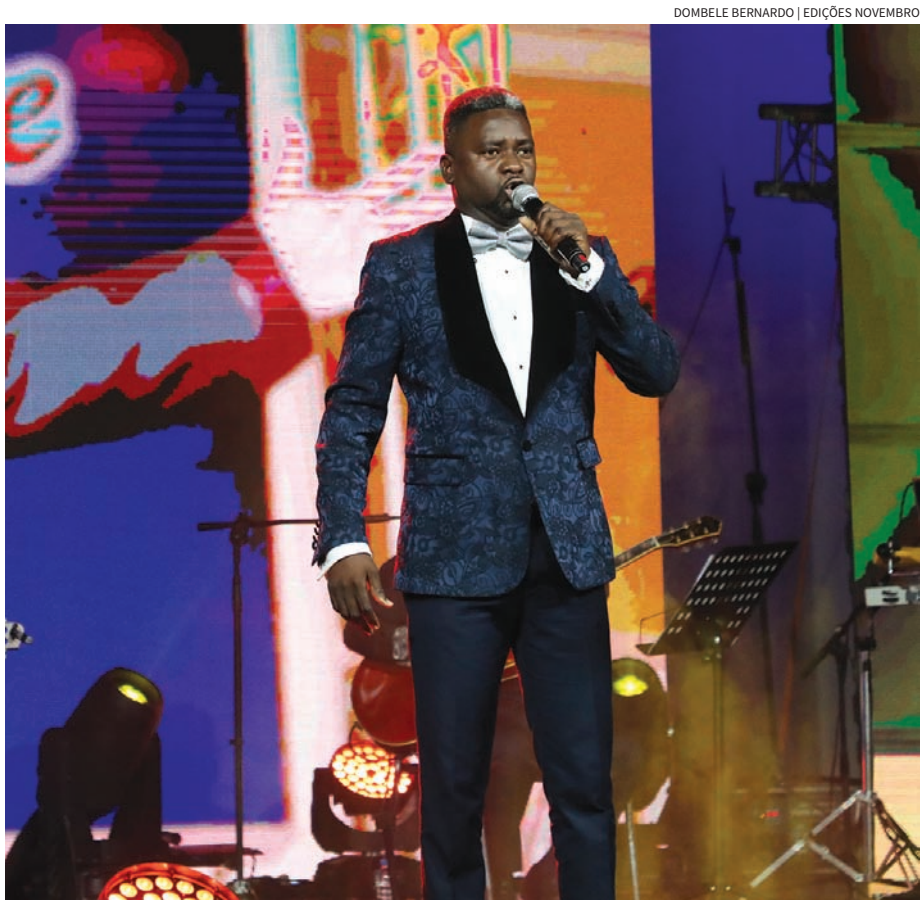
Com um desfile de mais de 70 canções, gravadas nos estúdios CT1 da RNA, o Top destacou o percurso e a importância da "mãe das rádios angolanas" na valorização e promoção da música angolana em mais de quatro décadas. O enredo do espectáculo foi resumido com apresentações intercaladas de peças de teatro e dança produzidas pelos grupos Cena Livre e Kieza, respectivamente.

Como instituição que mais contribuiu para o engrandecimento da música angolana, a RNA procurou apresentar um resumo do valor da rádio na preservação dos mais variados estilos musicais nacionais. As peças (teatro/dança/música) retrataram momentos ímpares da história do país e da própria rádio, num percurso que começou com o 25 de Abril de 1974 (Revolução dos Cravos em Portugal), as primeiras gravações de músicas de intervenção política de artistas angolanos nos estúdios da antiga Emissora Oficial de Angola, proclamação da Independência, constituição da RNA em 1975 e a sua importância quando se registou o encerramento do Parque Industrial Discográfico do país (1977/1978), com a paralisação das actividades dos principais estúdios da época, tendo a RNA assumido o processo de recolha, preservação e divulgação da música angolana.

Sobre esse processo, o coordenador artístico do Top dos Mais Queridos, Adão Filipe, pronunciou-se nos seguintes termos: "O objectivo era homenagear a rádio pelo contributo prestado ao longo dos 45 anos na recolha e preservação de parte importante da história musical do país, nos mais variados estilos e géneros. Foi feito um trabalho exaustivo para se identificar as canções que fossem ao encontro e aceitação do público".

A proposta de reflexão sobre a história da rádio e o seu papel na preservação da música angolana foi, segundo Adão Filipe, um sucesso. "Algumas canções, seguramente, estiveram em falta, mas os temas escolhidos obedeceram a uma selecção criteriosa dos vários segmentos sociais, críticos, apreciadores da música angolana, ouvintes, todo um conjunto de pessoas. O que fizemos foi encontrar pontos comuns".

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Homenagem a Jivago

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

O momento-surpresa desta edição do Top dos Mais Queridos foi, certamente, a homenagem ao cantor Jivago, falecido no dia 1 de Outubro, o Dia internacional da Música. Adão Filipe revelou o seguinte ao *Jornal de Angola*: "Em conversa com o coordenador-geral do concurso, Sebastião Lino, decidimos, muito antes de termos a notícia da sua morte, fazer um alinhamento musical onde Jivago interpretaria as suas canções no final do espectáculo."

Muito antes de ficar acamado, disse o radialista, o malogrado mostrou-se disponível a participar no espectáculo e tudo indicava mesmo que ele seria o último cantor a entrar em palco. "Decidimos colocá-lo no fim porque entendemos que seria o momento alto do espectáculo. Não tínhamos noção do que iria acontecer com ele, o que nos permitiu prestar-lhe um tributo merecido".

Segundo o alinhamento inicial do espectáculo, Jivago cantaria "Ramiro" e "Avó Teté", temas que acabaram por ser interpretados por Mister Kim e convidados.

A permanente interação geracional entre artistas consagrados e da nova vaga permitiu criar novos horizontes e acontecimentos idiomáticos, cuja musicalidade retratou a história do país e da própria rádio. O espectáculo procurou compatibilizar sonoridades e estilos diferentes num único palco, com a intenção de criar momentos únicos para os telespectadores e rádio-ouvintes. "Vamos fazer um balanço e pensar mesmo na reformulação do concurso, com a adequação de outros mecanismos e produção", afirmou Adão Filipe.

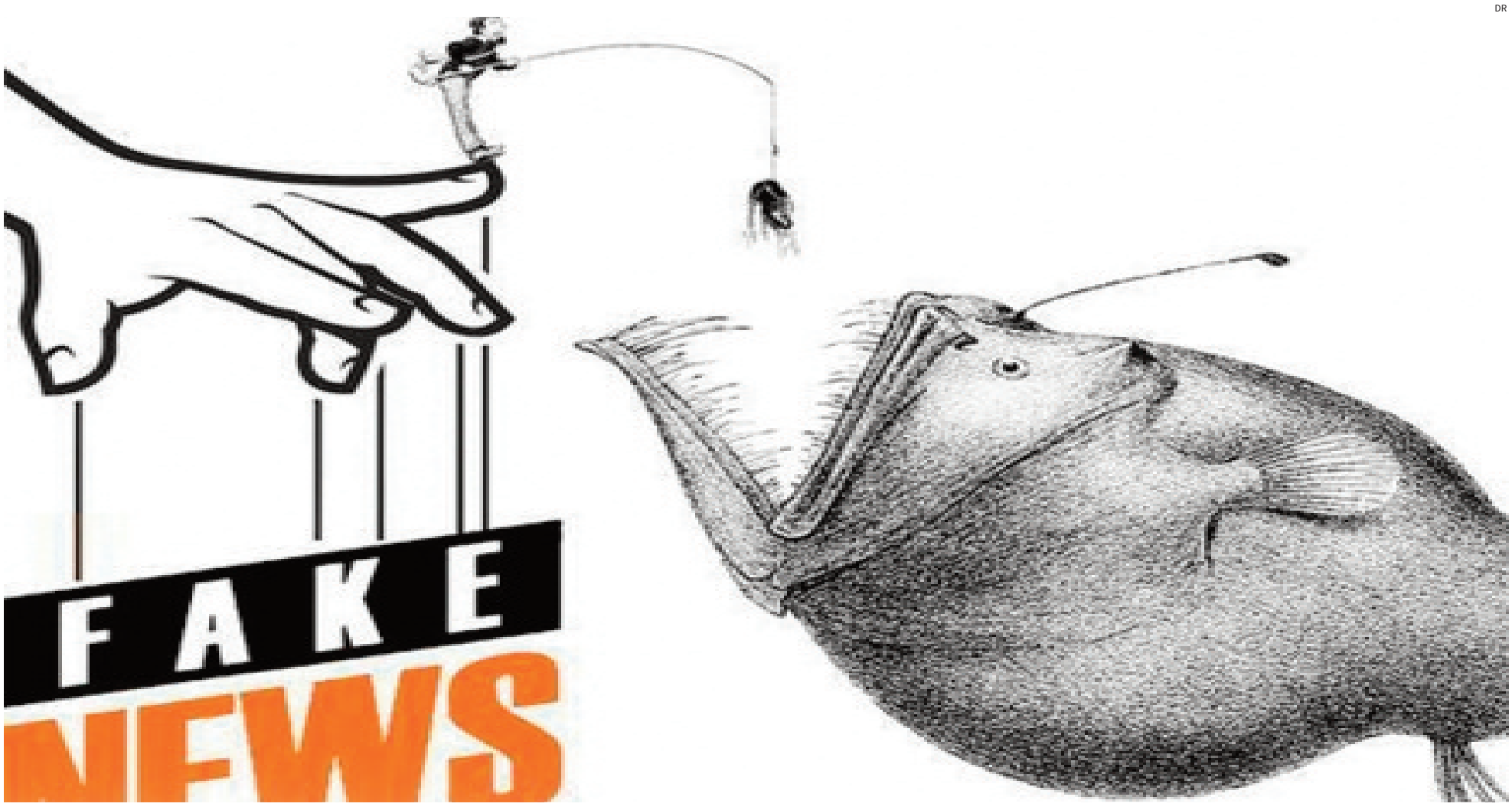
O Top, explicou, é um concurso de música angolana criado para premiar intérpretes musicais da preferência dos ouvintes da Rádio Nacional de Angola. "A ideia do projecto é reconhecer e valorizar a arte e a popularidade das canções produzidas durante um determinado ano, contribuir para a criação de uma matriz tipicamente angolana nos diferentes géneros e motivar os artistas a aprofundarem as aptidões, dentro do espírito de uma competição saudável", concluiu.

A PROPÓSITO DAS *"FAKE NEWS"*

Sobre a indústria de notícias falsas

Os produtores de falsas notícias são pessoas, grupos ou organizações com diversas actividades profissionais, desde jornalistas, engenheiros informáticos, profissionais de marketing e até mesmo ex-polícias, que publicam conteúdos falsos com a máxima segurança dos equipamentos, para que não haja rastreamento dos conteúdos

DR



*Tânia J.A Costa |**

"O câmbio de 10.000 kwanzas por uma nota de 100 dólares entrará em vigor em Janeiro 2021, relatou o Governador do BNA numa entrevista concedida ao website americano do Tesouro". Com certeza esta notícia deixou o caro leitor muito feliz e, por alguns instantes, esqueceu-se do actual contexto de saúde que vivenciamos. E já agora leia esta outra notícia bomba: "O vírus da Covid-19 é apenas uma gripe e deve ser tratada como qualquer outra doença, segundo relato no website da OMS, datado de 12/09/2020".

Espere um momento. Agora respire e pergunte-se: será que as notícias acima relatadas são de fonte fidedigna? Algum outro jornal as publicou?

As notícias que acabou de ler são extremamente falsas.

Caro leitor, com a expansão das plataformas digitais é crucial termos a preocupação de filtrar e cruzar informações com outras fontes para não sermos vítimas e transmissores de notícias falsas (*"Fake news"*).

A expressão *"Fake news"* tornou-se conhecida em 2016, quando decorria a campanha presidencial dos Estados Unidos da América, onde a candidata Hillary Clinton foi excessivamente atacada com notícias falsas a seu respeito pelos apoiantes de Donald Trump (BBC News 2016). No entanto, a prática de publicação de "*Fake news*" ocorre desde o século XIX, sem data oficial. De acordo com o dicionário Merriam-Webster a palavra "Fake" foi inserida recentemente no vocabulário, sendo que anteriormente os países de língua inglesa usavam a expressão "False news" para abordar informações distorcidas, de grande propaganda.

Certamente que a rápida expansão da Internet e dos meios digitais tornou quase impossível o combate às "Fake news", sendo que existe um mercado que alimenta essa prática. Esse mercado, normalmente, é financiado por pessoas ou grupos altamente organizados, bem posicionados financeiramente, que contratam os produtores de *"Fake news"* para publicação de conteúdos que comprometam os seus opositores ou, ainda, que provoquem pânico generalizado na sociedade, com base na divulgação de temas ou notícias distorcidas.

Os produtores de falsas notícias são pessoas, grupos ou organizações com diversas actividades profissionais, desde jornalistas, engenheiros informáticos, profissionais de marketing ou até mesmo ex-polícias, que garantem a publicação de conteúdos falsos com a máxima segurança dos equipamentos, para que não haja rastreamento dos conteúdos publicados. Para garantir um serviço de alto nível aos seus clientes, as equipas especializadas na produção de falsas notícias investem em soluções tecnológicas de ponta e em estratégias de localização que dificultam a identificação de quem as contrata, resultando assim quase impossível a punição por esse tipo de crime.

Embora em Angola já esteja em vigor a Lei de Protecção das Redes e Sistemas Informáticos, que inclui o Ciberterrorismo (Lei 7/17, de 16 de Fevereiro) ainda assim nos deparamos com situações de possíveis notícias falsas.

> *"Em Angola já está em vigor a Lei de Protecção das Redes e Sistemas Informáticos (Lei 7/17, de 16 de Fevereiro) mas ainda assim nos deparamos com situações de possíveis notícias falsas"*

Um exemplo bem claro é a notícia relacionada com a Primeira Dama de Angola Ana Dias Lourenço, que se tornou destaque na mídia angolana e nalguns websites internacionais, que divulgaram o seguinte:

"Informações avançadas esta sexta-feira 22/05/2020 dão conta que a Primeira-Dama de Angola Ana Dias Lourenço terá sido recentemente evacuada e internada na capital francesa, na sequência da contaminação por um vírus desconhecido".

Entretanto, no Jornal da Noite, do mesmo dia em que a dignitária estaria supostamente no exterior do país "internada na sequência da contaminação por um vírus desconhecido", a TPA divulgou uma matéria em que a Primeira-Dama surgia saudável numa reunião com a ministra de Estado para a Área Social, Carolina Cerqueira e a ministra da Saúde Sílvia Lutucuta. Segundo a notícia da televisão pública, na reunião foi abordada a situação das populações mais vulneráveis e da Covid-19 em Angola.

Assim sendo, podemos fazer uma auto-análise se no dia 22 de Maio de 2020 estávamos perante uma produção de *"Fake news"* e, se assim foi, com que intuito foi produzida essa "notícia"? Tenhamos em atenção que a referida "notícia" generalizou um sentimento misto de inquietação, pânico e descontentamento social, que, oportunamente, a matéria publicada no Jornal da Noite permitiu rapidamente contornar.

São muitas as pessoas singulares e instituições que são alvos dos produtores de "Fake news", muitas vezes sem poderem defender-se ou contornar a situação devido à rapidez como a informação falsa circula nas redes socias.

Independentemente dos conteúdos publicados, a sociedade, e sobretudo os fazedores de informação, jogam um papel primordial na difusão de notícias falsas e é necessário acautelarmo-nos, fazendo uma verificação das notícias antes de as partilharmos com os nossos contactos, pautando-nos sempre por um equilíbrio nos princípios e nos valores, no intuito de divulgarmos apenas notícias credíveis e fundamentadas.

**Consultora de carreira e negócios*